

O INSTITUTO VIDA E OBRA  
PEÇAS PUBLICAÇÕES TESES  
BLOG O ACERVO  
TRANSPARÊNCIA CONTATO  
**BLOG**

# CRÍTICA DE BOAL SOBRE O TEATRO APÓS REVOLUÇÃO DOS CRAVOS, EM PORTUGAL

**25.04.2023**

Augusto Boal, exilado de seu país, viveu um período em Portugal pouco depois de lá ter ocorrido a Revolução dos Cravos: de 25 de abril de 1974.

Em Portugal, Augusto Boal escreveu críticas teatrais para a Revista Opinião. Hoje, em 25 de abril, compartilhamos este artigo em que Boal faz uma reflexão sobre o Teatro após a Revolução, a partir da peça "O Conde dos Bonecreiros e outros condes".

## CATEGORIAS:

Aniversários  
Artigos  
Casa de las Américas  
Correspondências  
Crítica teatral  
Do baú do Boal  
Entrevistas  
Eventos  
Homenagens  
IAB Indica  
Imagens  
Mandato político-teatral  
Outros  
Peças  
Política  
Publicações na imprensa  
Sem categoria  
Teatro latino-americano  
Textos de Boal  
Textos sobre Boal  
Trabalhos

Privacidade - Términos



acadêmicos  
Vídeos

### TAGS:

Abdias Nascimento  
Acervo Arena  
conta Zumbi  
**Augusto Boal** Carlos  
Fos Carta CCBB  
Cecília Boal  
censura  
Comissão da  
Verdade direitos  
humanos  
ditadura  
ditadura militar  
Dramaturgia  
Entrevista  
Exposição  
Exposição  
Augusto Boal  
Exílio Feira  
Latinoamericana de  
Opinião Feira  
Paulista de  
Opinião Golpe  
militar Hamlet e o  
Filho do Padeiro  
Homenagem IMS  
Livros matéria  
MST Nara Leão  
Partido dos  
Trabalhadores  
Peça política  
Primeira Feira Paulista  
de Opinião Sergio  
de Carvalho  
Show Opinião  
Teatro  
Teatro de  
Arena  
Teatro do  
Oprimido  
Teatro Experimental  
do Negro Teatro  
Fórum Teatro  
latino-  
americano  
Teatro político

Torquemada

tortura UFRJ

Zumbi

pos se perdessem, e que perdessem também o tempo em discussões estérteis, em pouca produtividade. O que não era inevitável, nem lógico, era que a política governamental no campo da cultura voltasse a ser o que foi.

Dizem os Boneceiros: "Voltamos hoje ao convívio do nosso público em situação econômica crítica que não abre perspectivas de um trabalho profundo. Mas aqui estamos..."

E dizem mais: "retomamos hoje o Conde de Novian que ensaiávamos em 24 de Abril e que ficara submergido pelos crevros vermelhos da nossa alegria reconquistada".

Aqui estão de volta os Boneceiros com a peça que ensaiavam antes. Como eles mesmos afirmam, a peça do 24 de Abril feita hoje, três anos depois, não tem "nenhum significado simbólico".

Pode ser que não tenha. Não tem. Não é um símbolo. É uma realidade concreta. Está de volta com o que faziam antes. E isso por culpa das circunstâncias culturais, governamentais, que prevalecem hoje. É triste.

Não porque o espetáculo seja mau. É ótimo! Mas porque não é isso o que eles querem fazer.

É como se de repente, a Comuna voltasse a fazer "A Ceia" em vez de "Em Maio", que voltasse o IEC a percorrer a "Longa Jornada para Dentro da Noite" de O'Neill (ou nossa?), que em Cascais se apresentasse "O Tempo e a Ira" de Oshora (que já teve o seu momento), ou que o Teatro Estúdio de Lisboa renascesse com a sua nova apresentação: "Nossa Cidade" de Thornton Wilder!

É como se de repente — e isso me tira o sono! — abrissem os jornais da manhã e lá estivesse em letras garrafais o anúncio da grande estreia da noite: "A Ceia dos Cardeais!"

Confesso que não vi a maioria desses espetáculos. Nem importa saber se eram bons ou maus. Importa que foram pensados para outro momento histórico, quando aqui existia o fascismo. Foram pensados para então e não para agora. Respondiam a realidades passadas e não presentes.

Eu sei que esta montagem não é simbólica. Sei disso, companheiros. Sei que é muito mais que um símbolo: é uma realidade. Isso é que é trágico. A que ponto chegamos.

Isto não nos impede, de maneira nenhuma, de apreciar grandemente o novo espetáculo dos "Boneceiros". Não há menor dúvida de que se trata de um elenco com alguns excelentes actores, alguns histriões extraordinários. Não há a menor dúvida de que o espetáculo é dirigido com extraordinária capacidade de invenção. Não há a menor dúvida de que tudo é feito com saudável grosseria, com imenso bom humor.

O espetáculo, em si mesmo, não oferece dúvidas: é bom.

As dúvidas estão além: será correcta uma política cultural que obriga os elencos a retrocederem nas investigações estéticas que perseguem? Será correcto o autoritarismo que bitola os artistas? Será correcta a volta ao passado? Será correcto hoje o espectáculo de ontem? Ou terá sido apenas inevitável? Será evitável?

Como evitá-lo?

O espetáculo propõe muitas dúvidas. Menos uma: não o percam!

Augusto Boal

Cinema

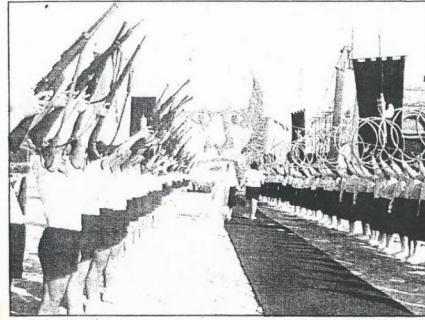
## Fellini. Amar a memória

O universo tumultuoso e caótico  
de um dos 3 ou 4 maiores  
cineastas contemporâneos

Estreado em Lisboa em 1977, reposto agora, "Amarcord", de Federico Fellini é efectivamente uma das grandes obras do último período deste brilhante cineasta italiano. Na verdade, "Roma", e "Amarcord" (enquanto se não estreia entre nós o polémico e discutido "Casanova") demonstraram, indubitavelmente, a maestria incontestável de um cineasta no pleno uso de um

meio de expressão. Poderá não ser um cinema tão espontâneo e sincero como foi o que nos deu no tempo de *Os Imaturos*, *O Sertão Branco* ou *O Conto do Vigário*; mas representa obviamente um enriquecimento de escrita e uma maturidade de pensamento. "Amarcord" aí está para provar que raras são os eleitos a atingir um tal estágio de perfeição. Aí está igualmente para docu-

"...é o fascismo revisitado das paradas"



COMPARTILHE: [@](#) [f](#) [G](#) [t](#) [in](#)

# VEJA TAMBÉM

VOLTAR AO BLOG



# CONTATO

## INSTITUTO AUGUSTO BOAL

Rio de Janeiro | Brasil

[instituto@augustoboal.com.br](mailto:instituto@augustoboal.com.br)

ENVIAR

